

do no sentido de “poderoso em caridade, isolamento e silêncio” e o primeiro, *Sākya*, é o nome da família. Não há orientalista nem pandita que não saiba de cor a história de Gautama, o *Buddha*, o mais perfeito dos mortais já vistos no mundo, porém nenhum mortal parece sequer suspeitar do significado esotérico existente no fundo de sua biografia pré-natal, isto é, o significado da história popular. O *Lalita-vistara* relata essa história, porém se abstém de insinuar a verdade. Os cinco mil *Jātakas* ou acontecimentos de nascimentos anteriores (reencarnações) são considerados ao pé da letra, ao invés de esotericamente. Gautama, o *Buddha*, não teria sido um mortal se não tivesse passado por centenas de milhares de nascimentos antes do último. Contudo, o relato detalhado dos mesmos e a afirmação de que durante tais renascimentos ele foi abrindo caminho para cima através de cada grau de transmigração, desde o mais ínfimo átomo animado e inanimado e desde o inseto até a criatura mais elevada, ou seja, o homem, encerra o tão conhecido aforismo oculto: “a pedra converte-se em planta, a planta em animal e o animal em homem”. Todo ser humano existente passou pela mesma evolução. Porém, o simbolismo oculto nesta série de renascimentos (*jātaka*) inclui uma história perfeita da evolução nesta Terra, *pré* e *pós* humana e é uma exposição científica de fatos naturais. Uma verdade não velada, mas nua e patente encontra-se na nomenclatura dos mesmos, isto é, nem bem Gautama alcançou a forma humana, começou a mostrar, em cada uma de suas personalidades, a maior abnegação, caridade e sacrifício de si mesmo. *Buddha* Gautama, o quarto dos *Sapta* (sete) *Buddhas* e *Sapta Tathāgatas* (ver), nasceu, segundo a cronologia chinesa, no ano de 1024 a.C.; porém, segundo as crônicas cingalesas, nasceu no oitavo dia da segunda (ou quarta) Lua do ano de 621 antes de nossa era. Fugiu do palácio de seu pai para abraçar a vida ascética, na noite do oitavo dia da segunda Lua do ano de 597 a.C. e, depois de passar seis anos em Gaya, entregou à meditação e sabendo que a tortura física de si mesmo era inútil para chegar à iluminação, decidiu seguir um novo caminho até chegar ao estado de *Bodhi*. Na noite do oitavo dia da duodécima Lua do ano de 592, chegou a ser um *Buddha* perfeito e, finalmente, entrou no *Nirvāna*, no ano de 543, segundo o Budismo do Sul. Contudo, os orientalistas ativeram-se a outras datas diversas. Todo o restante é alegoria. Gautama alcançou o estado de *Bodhisattva* na Terra, quando em sua personalidade se chamava *Prabhāpala*. *Tuchita* (ver) significa um lugar neste globo e não um paraíso nas regiões invisíveis. A escolha da família *Sākya* e de sua mãe *Māyā*, como “a mais pura da Terra”, harmoniza-se com o modelo da natividade de cada Salvador, Deus ou Reformador divinizado. A lenda sobre ele ter entrado no seio de sua mãe sob a forma de elefante branco é uma alusão à sua sabedoria inata, por ser o elefante de tal cor um símbolo de cada *Bodhisattva*. Os relatos de que, ao nascer Gautama, o menino recém-nascido deu *sete passos* em quatro direções, que uma flor de *Udumbara*, *Ficus glomerata*, abriu-se em toda a sua peregrina beleza e que os reis *nāgas* realizaram, sem delongas, seu “batizado”, são todos eles outras tantas alegorias na fraseologia dos Iniciados, bem compreendidas por todo ocultista oriental. Todos os acontecimentos de sua nobre vida são expressos em números ocultos e cada ocorrência chamada de *milagrosa* – tão deplorada pelos orientalistas, porque confunde o relato, tornando impossível separar a verdade da ficção – é simplesmente o disfarce ou véu alegórico da verdade. Isso é tão compreensível para um ocultista versado no simbolismo como é de difícil compreensão para um sábio europeu que desconheça o Ocultismo. Cada detalhe da narrativa após a morte de Gautama, o *Buddha*, e antes de sua cremação, é um capítulo de fatos escritos em uma linguagem que deve ser estudada para ser bem compreendida, pois de outro modo sua letra morta conduziria às contradições mais absurdas. Por exemplo: tendo recordado a seus discípulos a imortalidade do *Dharmakāya* (ver), *Buddha*, segundo se conta, passou ao estado de *Samādhi* e perdeu-se no *Nirvāna*, do qual ninguém pode voltar. E contudo, apesar disso, apresentam o *Buddha* abrindo com violência a tampa do caixão e dele saindo para saudar, com as mãos juntas, sua mãe *Māyā*, que havia aparecido

repentinamente no ar, embora esta tivesse morrido sete dias após o nascimento de *Gautama* etc., etc. Como *Buddha* era um *Chakravartin* (o que faz girar a roda da Lei), seu corpo, no ato da cremação, não podia ser consumido pelo fogo comum. E o que aconteceu? De repente um jorro de fogo chamejante *brotou da Svastika, que tinha no peito*, e reduziu seu corpo a cinzas. O pouco espaço de que dispomos impede-nos de oferecer mais exemplos. No tocante a ser ele um dos verdadeiros e inegáveis Salvadores do mundo, basta dizer que o mais fanático missionário ortodoxo, a menos que esteja irremediavelmente louco ou não tenha o mínimo respeito pela verdade histórica, não pode encontrar a mais leve acusação contra a vida e o caráter de *Gautama*, o “*Buddha*”. Sem pretensão alguma à divindade, deixando que seus prosélitos caíssem no ateísmo antes de se juntarem na degradante superstição do culto do *deva* ou do ídolo, sua vida, do princípio ao fim, é santa e divina. Durante os quarenta e cinco anos de sua missão, sua vida, como a de um deus – ou como deveria ser a deste último –, é inatacável e pura. É um exemplo perfeito de um homem divino. Alcançou a condição de *Buddha* – isto é, a Iluminação completa – unicamente por seus próprios méritos e graças a seus esforços individuais, apesar de se acreditar que nenhum deus tenha o menor mérito pessoal no exercício da virtude e da santidade. Os ensinamentos esotéricos pretendem que *Gautama* tenha renunciado ao *Nirvāna* e abandonado a investidura *Dharmakāya* para continuar sendo um “*Buddha de Compaixão*”, acessível às penalidades e misérias deste mundo. E a filosofia religiosa que deixou à humanidade produziu durante mais de dois mil anos gerações de homens virtuosos e desinteressados. Entre todas as religiões existentes, a sua é a única absolutamente livre de mancha de sangue: tolerante e generosa, inculcando a caridade e a compaixão universal, o amor e sacrifício de si mesmo, a pobreza e o contentamento com a sorte de cada um, seja esta qual for. Nem perseguições nem imposição da fé, através do fogo ou da espada, cobriram-na de opróbrio. Nenhum deus que vomita trovões e raios se imiscuiu em seus preceitos puros. E se o simples, filósofo e humano código de vida diária que nos deixou o maior Homem-Reformador conhecido chegar algum dia a ser adotado pela humanidade em geral, certamente começará para a espécie humana uma era de paz e bem-aventurança.

Buddhas de Compaixão – Com este nome são designados aqueles *Bodhisattvas* que, tendo alcançado a categoria de *Arhat*, recusam-se a passar ao estado nirvânico ou “colocar a vestimenta *Dharmakāya* e passar à outra margem”, pois então não estaria mais ao seu alcance ajudar a humanidade, ainda que o pouco que o *Karma* permite. Preferem permanecer invisíveis (em Espírito, por assim dizer) no mundo e contribuir para a salvação dos homens, exercendo sobre eles sua influência para que sigam a boa Lei ou, o que é a mesma coisa, guiando-os pelo sendeiro da Justiça. (*Voz do Silêncio*, III)

Buddhi (*Sāns.*) – Mente ou Alma universal. *Mahābuddhi* é um nome de *Mahat* (ver *Alaya*). É também a Alma espiritual do homem (o sexto princípio), o veículo de *Ātman*, exotericamente o sétimo. [*Buddhi* é a faculdade que está acima da mente racional e é a Razão pura, que exerce a faculdade discernidora da intuição, de discernimento espiritual.] (*A. Besant*) É o Eu espiritual, intelecto, entendimento, conhecimento, intuição, discernimento, razão; o poder pensante por si só, independente das impressões vindas do exterior, a faculdade de julgar, discernir e resolver; a potência que transforma em conceitos claros e perfeitos as impressões procedentes dos sentidos, através do *Manas* e *Ahankāra*. (Ver *Filosofia Sāṅkhya*.) Por sua grande importância, o *Buddhi* é qualificado de “grande Princípio” (*Mahat tattva*) ou simplesmente *mahat* (grande). Tal palavra tem muitas outras acepções: mente, ânimo, pensamento, consciência, juízo, percepção, intenção, resolução, sabedoria, ensinamento, doutrina etc. Às vezes é equivalente a vontade.

Buddhi-bedha (*Sāns.*) – Perturbação, confusão ou perplexidade do ânimo (ou da mente).